

MENDES DE BRITO

TRIPTICO



1917

LIVRARIA FERREIRA

FERREIRA L.^{da}, EDITORES

132-134, Rua Aurea, 136-138

LISBOA



Atos mōs, Fernando Pessoa, duma
futurado-futurista-no-futuro.
e do seu talento awfully strange.

Rua de Betesga (Chalet) Out.º 919
V. Almeida & Dita

TRIPTICO

DO MESMO AUTOR

PUBLICADO:

Lyra de Cybele — 1916.

Triptico — 1917.

A PUBLICAR:

Visita de Satan, critica.

A Forja de Vulcano — (Episodios, fantasias e contos).

MENDES DE BRITO

TRIPTICO



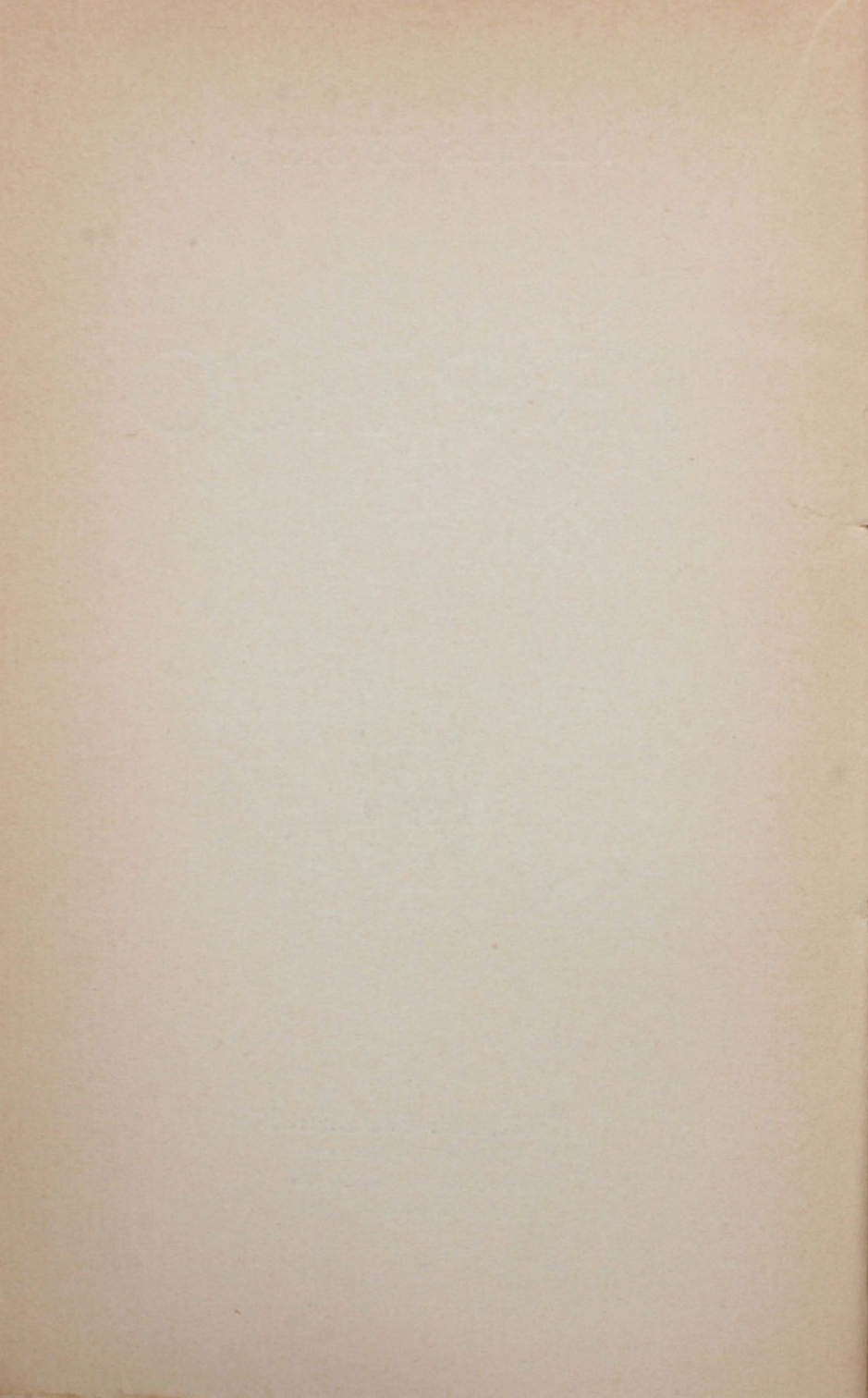
1917

LIVRARIA FERREIRA

FERREIRA L.^{da}, EDITORES

132-134, Rua Aurea, 136-138

LISBOA



A MEU PAE

dedico o TRIPTICO.

Á sua emoção e á sua intelligencia.

Meu presado camarada:

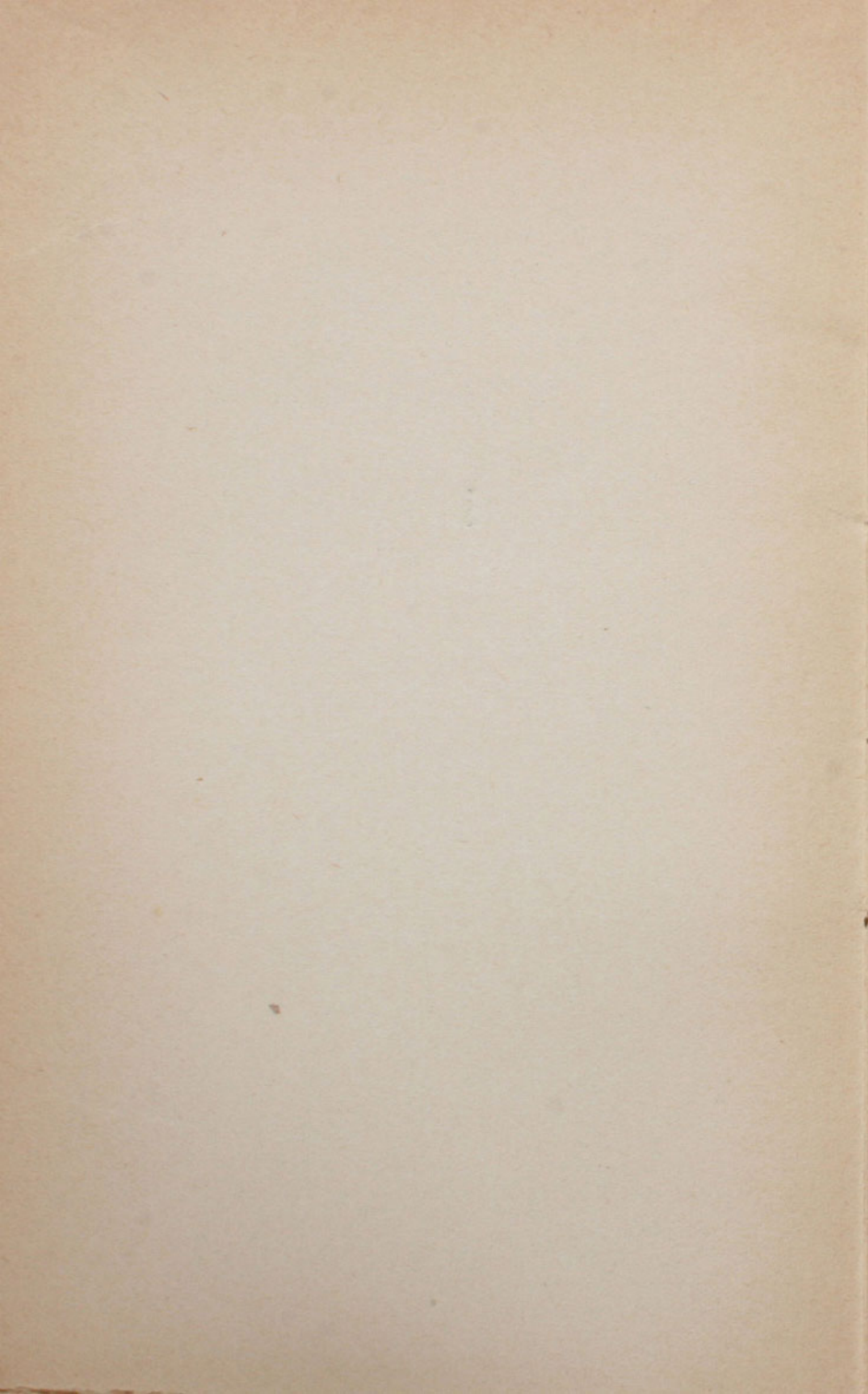
Acabo de ver o manuscripto que V. Ex.^a teve a amabilidade de confiar-me. Vejo que não me enganei ao saudar, n'uma fugitiva referencia das Quintas-Feiras do Janeiro, a sua mocidade e o seu talento. Como a Lyra de Cybele, o Tryptico é a affirmação d'um temperamento de escriptor que procura, em paginas d'um impressionismo irrequieto, a serenidade da sua forma definitiva. Não está longe de a encontrar. Felicito-o muito cordalmente, e devolvo o seu manuscripto, que terei sincero prazer em ver publicado.

9 de out.^o de 1917.

*De V.^a Ex.^a
camarada e admirador grato,*

JULIO DANTAS.

I



E o lavrador não descança :
Vae de labuta em labuta !
— Já quasi em meio o celeiro :
A adega já quasi enxuta . . .
.....
E as searas? e a horta? e a eira?
E as ceifas do trigo? e as mondas!
O' mar da Vida, ó trabalho . . .
Vão ondas tornam mais ondas?

A Minha Terra—ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA.

SCHERZO

I

O' doce tranquilidade dos luares outomnaes, á luz espiritualíssima e branca e mystica da lua — lampada de prata, no grande altar! O' doce tranquilidade da sombra macia dos salgueiraes, á beira do rio. Olhem como corre a tua água límpida de castidade e vae espalhando beijos de mãe, tenuissimos e fecundadores, pelos bracitos enlaçados das raízes, sob a quietude extasiada dos ramos, á beira do rio. O' doce tranquilidade d'inefáveis languescências, bemditas e sempre calmas, á hora pródiga das sextas.

II

O' doce tranquilidade das fontes, d'entre cactos e verduras, húmidas e sempre frescas, cheias de seiva e de viço, cujo psalmejar contínuo do fio d'água, atrae o rancho das raparigas e onde por uma certa tarde milagrosa d'amenidade e d'amores, appareceu Santo Antonio. O' doce tranquilidade das noites, á lazeira: Arde um lume bom, purificador e muito amado, cheio d'intimidade e de conforto; as

pobres cinzas, incoercíveis, balbuciam ou escutam, um mysterio de moiras encantadas.

III

O' doce tranquillidade das noites, á lareira; enquanto fóra o vento varre, uiva, ralha; perturba a fleugma dos ramos e mergulha raivosamente, p'lo negrume agoirento das cerrações de novembro. O' doce tranquillidade das labutas no meio do campo, amplo e silencioso, onde só poisam arveloas e cotovias e andam gritos de milharóz.

IV

O' doce tranquillidade edénica das madrugadas vermelhas que põem reverbérios de fogo nas pedreiras e alumiam o corrego dos rebanhos, por entre a relva e a urze. O' doce tranquillidade das tardes imorredoiras; a rama severa dos choupos esgrouviados, não transmuda d'atitude, hirta, fria e hieratica.

V

O' doce tranquillidade da vida entre rebanhos: De ovêlhas loiras e meigas, bíblicas e melancólicas, na poeirada fulva dos caminhos; e de cabras lentas, lúbricas e mefistofélicas, na erva tenra dos pastos. O' doce tranquillidade do toque das ave-marias.

O' doce tranquillidade!

Tu és a volúpia paradisiaca que exalta magnificamente a alma angelisada dos artistas e dos ascetas e dos pastores.

VI

O' nubenta e plácida madrugada. Sob o reflexo d'ouro da tua luz dubia d'ingenuidades, passam rebanhos estremonhados e esvoaçam aves depertadoras que deixaram agora o ba-loiço langue dos ramos e suspendem, no ar ca-lado, o seu frémito gracil d'azas.

VII

Bemdito sejas tu, clarão incorruptivel, virgí-neo e immaculado. Bemdito seja o resplendor divino da tua luz milagrosa que purifica e ilu-mina; e beija a nudez pura dos lyrios; e co-me o aroma do nardo; e dissipa e inutiliza, as alvas mãos do nevoeiro; que nos redime da treva soturna e agoirenta; e faz abrir no vale a flor do lyrio; acorda as rolas nos ni-nhos (a quietitude fôfa dos ninhos!) — e renas-ce a Fé nos corações!

VIII

Os carreirinhos longos, os longos caminhos brancos, por entre sylvas e cactos, á som-bra bemfazêja de choupos, d'acacias, de tiliás, d'amendoeiras em flôr; por entre a relva e a urze, torneiam moitas de rosas bravas, no re-bordo terroso dos alquêives, sob a folhagem senil das oliveiras.

E vão ter aonde, os carreirinhos longos, os longos caminhos brancos?

IX

Lá vão os carros lentos, lentos; e o fino campainhar dos bois robustos e diligentes, di-

lue-se, esvae-se religiosamente, na amplidão esbatida da campina. As cotovias voam assustadas para o imo dos milharaes. A ramaria languê, continua o seu perenne baloiçamento; os boieiros cantam:

Trigo loiro, trigo loiro,
Quem me dera o teu valor
Andava no calix bento,
Ao serviço do Senhor!

X

Dormem açucênas e goivos o somno ideal das almas, cheias de graça e candura; despertaram os cardos nos barrancos; e sóbe das hortas o perfume nupcial da flor de laranjeira; já andam codornises nos restolhos. Madrugada! Madrugada!

XI

O' magnífica suavidade das horas matutinas, tão luminosas e frescas e redemptoras. A brisa delicada e sensual, como um afago de madona rubenesca, vae cofiar a cabelleira loira das searas.

XII

Ali no horizonte, por detraz do cabeça, a vermelhidão aguada do nascente, abre um leque de luz resplendorosa. Voam calhandras e tentilhões, de ramo em ramo e os pardaes chilreiam, nos sylvados. Sob o telhado negro dos casinholos, já ha rumôres de vida no povoado; cresce no ar, uma ondulação santíssima de luz, de luz bemdita, de luz casta e vaporosa.

XIII

O' ranchos de raparigas, pelas estradas, a cantar. E' á monda, é á ceifa, desde que o sol é nado, a moirejar, moirejar!

XIV

Ahi estão agora os pastores: Môços que têm oculto no peito sadio, um coração ardente e fecundo; velhinhos de peito côvo e fronte rugosa e encarquilhada, como um abrunho sêcco; sós, perdidos no êrmo, assobiam ao gado que se espria, pela relva, tão tenra e tão fresca, perolada d'orvalho.

XV

Lá no longe, p'ra lá do riacho que geme entre salgueiros o pizzicato perennal do seu fio d'agua — é a aldeia, d'onde sobe o fumo azul, d'entre clareiras. Acolá-lêm, com a pobre torre, tão velha, coberta de musgo, é a igreja prisca de Santa-Maria das Oliveiras!

Oliveiras! Oliveiras! Elle há tantas, Senhor! Na prega dos cabeços; no sulco alteroso dos valados; no dorso amplo dos montes e á roda dos algares. Bemdito seja o oleo santo que alumia, toda a noite, o teu altar ó doce Santa-Maria!

XVI

Que louca faina vae ahi na ceifa dos trigaes! Com o longo chapeirão na fronte beduínica, de foíce mortal no pulso d'aço rijo, deixa-las lá ceijar, ceijar.

XVII

Nesse tempo de claridades incandescentes e palpitações suspensas d'atomos imponderaveis, ha um luxo rubro de papôilas, nos restolhos; o sangue quente das papôilas (pletóricas Messallinas) faz envergonhar a fragilidade espiritual das açucenas — almas d'Ophelias!

XVIII

O' supremo enigma! O' maravilha! Sobre a seara prenhe de grão humilde e fecundo, bailam aromas de seiva que a brisa abraça; que a brisa beija; que a brisa rouba e espalha, como um anjo milagroso, pelo cómor, pelo vale e pela estrada; e põe esse forte cheiro a trigo, na jaleca empoeirada do ceifeiro.

XIX

Não deu meio-dia ainda; o Sol expõe a pino a forte incandescência da sua carne ígnea de fluidos e de metaes que um novêlo de raios envolve — fotosfera loira, incendida, exuberante e procreadora; que retorce a folha do mirto; amadurece o milho e a uva; põe a capa d'oiro nos trigaes; torra a face das ceifeiras; e encendeia os corações.

XX

No campo, ha sêde, agora. E a pesada sufocação que aperta as almas?

Não morre, nunca se extingue, a benção d'alegria que anda no peito. Tombam de sêde os boieiros e as ceifeiras e os pastores. Tombam de sêde as rôlas.

XXI

O Sol queima, arde na têt do rancho que entre as espigas, é alheio e resistente, como esse batalhão de choupos perfilados, na maracha. O calor aperta a gorja que está enxuta e resequi-da como um seio estéril. Que forte desejo anda na mente? A infusa! A infusa!

XXII

A aragem morna que molemente coleante, ondula como um hálito dolente d'espreguiçamento e de quebranto, faz sofrer (oh que tortura!) as pobres rositas, coitadas! Quem sabe lá, a profunda magua sufucadora que mortifica e apoquentá a alma infantil das violetas, tão rôxas de sofrimento?

XXIII

O' vindimadeiras! onde roubastes a tinta forte e sadia que vos avermelha os rostos? Foi á flor jucunda do cravo?

As romanzeiras? As daleas?

E esse seio turgido como a carne dos cactos?

As vindimeiras cantam :

Dá-me um beijo, dou-te dois,
Dou-te alguns, paga dobrada :
É estylo de quem namora
Não ficar a dever nada.

XXIV

Escorre do campo um mar de seivas e de sumos exuberantes que pendem da vinha em bagas reluzentes, como pedrarias encantadas,

donde estala e irradia o nectar violento que fermenta e consolará. O' grande Baccho! Bem-ditas sejam as tua mãos enormes que pródigamente espalham pelo mundo, a fartura, a lubricidade, a alegria.

XXV

O' divino Baccho! Inebriante, pérfido, insinuoso! Com esse condão subtil do teu sorriso lascivo e sensual fazes bailar perdidamente, num remoinho louco e desregrado, os artistas e os reis, os sábios e as donzellas, os banqueiros e os sacerdotes, os mendigos e os camponios.

XXVI

E' hoje o arraial, no largo. O' tarde fluída e luminosa, cheia de vinho e de sol. O' tarde festiva e heroica, d'estrondos e de foguêtes e de filarmónica, no corêto todo coberto de ramagens verdes, d'escudos e bandeiras! Que lindas môças com arrecadas, filigranas e crucifixos, tudo comprado p'la feira. Que lindas moças de saia nova, estreiada, baetilha muito escarlata, toda perfumada de alfazêma. Que lindas arcadas de balões venezianos, enfeitadas a buxo e palmeiras. Que lindas fogaças para o Santo, S. João ou S. António; pombos, coelhos, cordeiros, com laços de fita verde, azul ou côr de rosa. Que linda grinalda de rosas e martyrios, nos braços bentos do cruzeiro, já velhinho e musgoso.

XXVII

Sahiu a procissão (oh que alegria, os sinos!). Fogem, em rostilhada, os gaviões da tôrre. A

frente vae o pendão, vermêlho e enorme do Divino Espirito Santo, com a pomba bordada a seda e oiro, espirital e luminosa. Que lindos anginhos! Que lindos anginhos! Que brancos meninos vestidos d'arminho, coroados de pérolas e diadêmas, entre as opas das irmandades. Olhem o andor de S. João Baptista coberto d'arcos e flores; Nossa Senhora das Sete-Espadas; S. Sebastião, tão núsinho, cheio de sangue e de setas. Olhem o andor de S. José, tão pesado! Na mão direita a flor do lyrio, branco e florido, symbolo de purêsa e castidade. E o Menino Jesus tão gordinho e sorridente, como um gordo serafim de Rafael. Ha nas janelas colchas de Damasco. De palmas e de ramos que lindo tapête para passar o Senhor! Joelho em terra, orae! É a pyxide benta, sob o palio d'oiro reluzente. Atraz o povo canta.

XXXVIII

E á noite o fogo?

Noite de fogo, noite d'amores, noite de prendas e de beijos, de promessas e d'abraços, na penumbra familiar. Noite supersticiosa de fogueêtes de lagrimas e corações incendiados. Noite turbulenta e amantissima, hilariante e sentimental. Noite de cardos e alcachofras, ai, ó doce aneio de namorados!

XXIX

Noite de fogueiras vermelhas nos portaes, rubras, crepitantes e abençoadas. Noite de trovas e descantes a S. João, S. Pedro, S. Miguel e S. Antonio, milagreiros, folgasões e amados. Noite de cirios e flores no altar, resplandecente, scintilador e iluminado, como um recanto do

ceu. Noite de feitiço e d'esperanças. Noite benta. Noite mystica. Noite d'adufes e harmonios, de guitarras e violas, com danças primevas de ritmo.

XXX

O' serenas manhãs de domingo, á hora feliz da missa. O' felizes concentrações do altar-mór. Sanctus! Sanctus! Sanctus! enquanto, lá fora, estoiram as bombas e os morteiros. O' intimas concentrações plenas d'unção, ao erguer o calix ou a hostia. O' intima concentração, *Turris Eburnea* do Ideal.

XXXI

O' mysterio sublime de sons, no côro, onde o orgão espalha a religiosidade da sua voz hieratica, habituada a falar a Deus.

XXXII

O' olhadelas languidas de namorados, entre venias e orações — batalha de flores que os olhos lançam e os corações recebem — e com que doçura esparsa e indisivel! O' amantes! O' amantes! O' incomparavel mysterio da Graça iluminadora! Rosarios bentos á Virgem dedilhados; a pobre Avó doente, para que melhor; para que livre o Manél da vida militar; para resgatar almas penadas; e proteger o namorado.

Já os galos cantam. Já os anjinhos se levantam. Já o Senhor está na Cruz.

XXXIII

Hora do poente. Hora ensanguentada de tintas e vermelhidões. Hora de mil reflexos na

rama tremula dos choupos. Hora amaviosa de deliquios e transfigurações. Hora d'esmalte e de prata, no prato côvo do firmamento. Hora benéfica. Hora calada. Hora de grande algararra e de bicadas, no conchêgo morno dos ramos, no arvoredado. Hora d'oiro e de laivos, na aureola do cabêço. Hora tranquila de coloridas melancolias. Hora fleugmatica e scismadora, cheia de brandura e extasiamento e serenidades vermelhas. Hora languida. Hora flacida. Hora de fulva poeira e de ranchos de raparigas, p'las estradas brancas, a cantar :

Laranjeira do pé d'ouro
Dêste ramiinhos de prata :
O tomar amor's não custa,
O deixa-los é que mata.

XXIV

Que lindo luar de dezembro. Noite branca de Natal. Natal! Natal! O ar polvilhado de prata, a lua polvilhada de prata. O altar do Menino tão rico e florido, todo polvilhado de prata. Que feliz rumôr vae pela aldeia. Missa do galo! Missa do galo! Luzes vermelhas, nos postigos. As portas da Igreja estão abertas, todas cheias de reverberos. Ha um gemer d'orgão no côro. O altar-mór, a reluzir a oiro novo e sedas. De jôelhos! De joelhos! Vão tilintar agora os rosarios e crucifixos. Missa do galo! Missa do galo!

XXXV

O' mysticas dormencias da alma, mysticas dormencias. Mornas lassitudes enternecidas, suavidades languidas, felizes adorações extasiadas do altar. Menino-Jesus do nosso peito. Menino-Jesus da nossa raça.

XXXVI

O' soalheira felicidade, á meia-noite, á roda do lume, rubro e estalejante, onde se fritam vèlhozes e coscorões. O' intimos confortos das lareiras festivas, nas santas meias-noites de Natal! O' efusivas hilariedades, falazes e enternecidas, á roda do lume. O' fonte interminavel, harmoniosa e abençoada de risos gostosissimos, de lérias e tonturas.

XXXVIII

O' magnifica tranquillidade dos casinholos caiados e venturosos, onde vive o labor santificante, desde que o sol é nado. O' feliz e heroica singeleza da quotidiana labuta campesina : Ter a casa cheia como um ovo ; moirejar a ple-nos braços, de madrugada ao sol posto, no seio da terra fecundadora ; cavar a vinha, plantar bacêlos ; revolver as terras, desfazer as glêbas ; dormir de vez em quando ao relento, nas noites palidas como uma cidra ; suster no pulso d'aço o timão do arado ; espreitar as rolas sedentas ao meio dia ; usar o peito ao léu — o peito que é mais tismado e robusto que um cofre de bronze antigo.

XXXVIII

O' tardes cinzentas de chuva, de neblinas, de torrentes. D'arrelias todo o dia e tarefas interrompidas e molhadelas fastidientas. Chegar a casa molhado, a escorrer. Pôr a jaleca a enxugar, no lume dos tições. O frio. A agua. A bruma. Botôrras grossas e lama no portal. O vento ralha no telhado ; uiva ; silva ; faz tremer a

porta, na tranqueta; arranca pés de milho, arrasta-os; enovela sylvas e arvores.

Dentro do casinholo tão só e tão triste, a pobre mãe enlutecida, põe os olhos humidos na cruz benta do oratorio e aperta mais ao peito, o filho tenro, de corpito tumido e cheio de rosas.

XXXIX

O' magnifica tranquillidade da vida, ao ar, ao vento, á neve, á luz, sob o amplo ceu vivificante, na intimidade sensivel das arvores confortadoras e dos regatos joviaes que tagarelam, perennemente, a sua historieta. O' magnifica tranquillidade das labutas quotidianas, ao romper d'alva, dubia e clareante, por detraz do cabêço, iluminado de vermelhidões. O' magnifica tranquillidade das serras espessas e pedregosas, onde vivem os rebanhos lentos e onde d'inverno, a neve, estende a sua roupagem alva. O' magnifica tranquillidade das cerrações de novembro, turvas e nevoentas que vestem de branco as arvores e as searas e escondem, de madrugada, a fita alva do carreiro, entre moitas de rosas bravas.

XL

O' magnifica tranquillidade da sombra amolecida dos pomares, sob a ramagem verdene-gra das laranjeiras, de cocurutos langues, onde os verdilhões fazem os ninhos, tão brandos e tão fôfos, como a lã frouxa dos anhos. O' magnifica tranquillidade, junto á agua das noras, humidas e gemedoras, sob as parreiras vergadas e fartas de bagas reluzentes. O' magnifica tranquillidade da campina, amplissima e intensa, indolente e merencorea. O' magnifica tranqui-

lidade de solitudes idilicas, na frescura ramosa dos regatos, das lagôas extaticas e das fontes. O' magnifica tranquillidade das lavoiras paulatinas de dezembro e das mondas festivas nos alqueives, com risotas endemoninhadas e cantigas. O' magnifica tranquillidade das lareiras nuas e pobres que as caricias bemfeitoras do lume santificam, animam e reconfortam. O' magnifica tranquillidade das hortas frescas das regas, cheias de florações olorosas e d'aromas salutareas.

XLI

Horas morrentes da tarde. Horas intimas de retornar ao conforto quente dos casebres caia-dos e venturosos, á roda do lume, acolhedor e familiar. Tardes veladas e luminosas, de fulgurações metalicas e d'esmalte. Tardes loiras e joviaes, de gritos e cantoria, no adro do cru-seiro. Tardes nostalgicas e tenuissimas, de ceu limpido de nuvens, de seda azul, bemaventurada. O' magnifica tranquillidade das tardes claras e ideaes, nas aldeias felizes e socegadas!

XLII

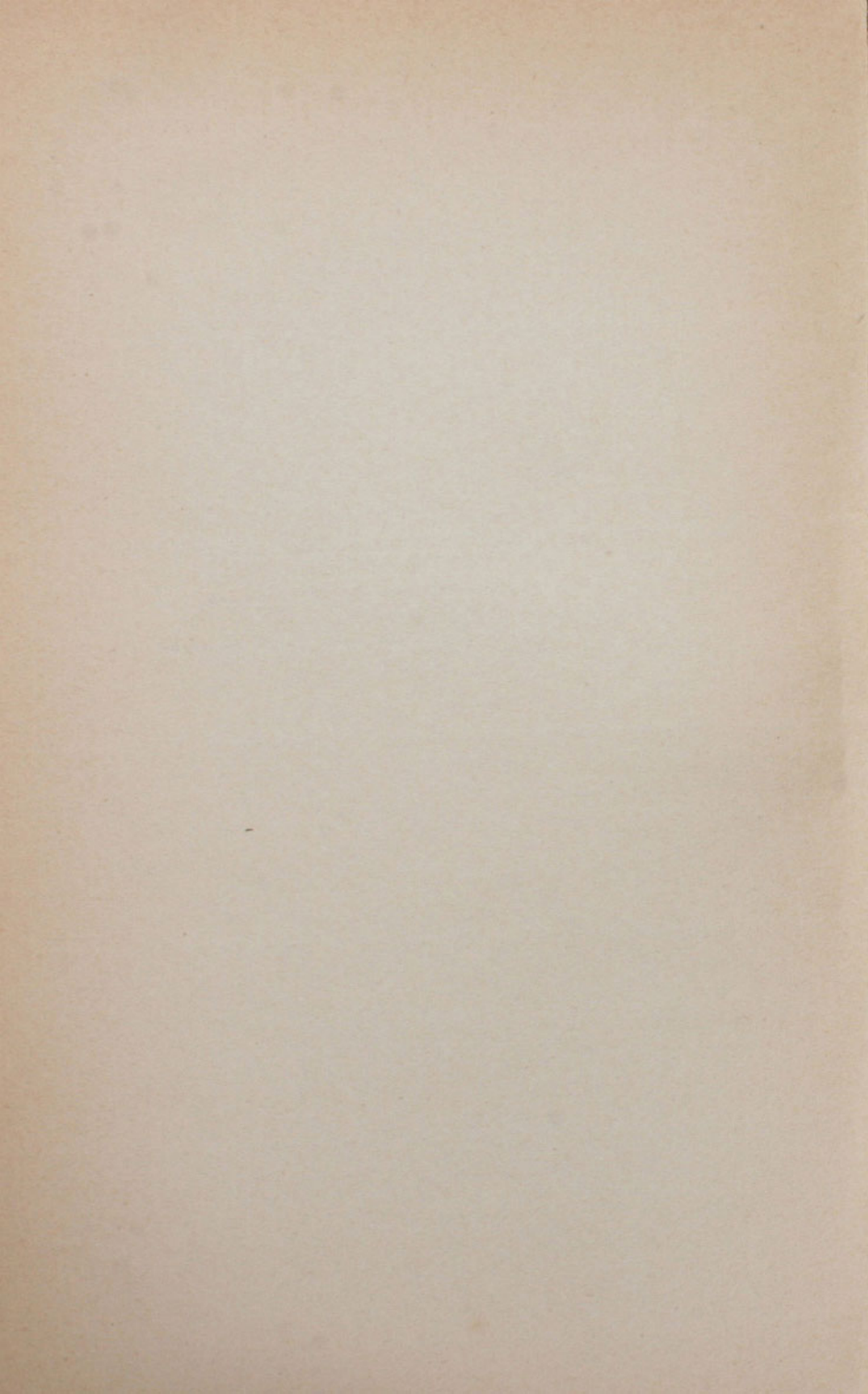
Poentes de clarões imarsceciveis. Campinas. Labor. Manhãs frias. Irradiações de sol rubro e transfigurador. Pulverisações incandescentes e securas nas searas. Hora da sesta. Repouso languido de somnos reabilitantes. Suavidades serenissimas e calmas prostações das almas tranquilisadas. Hora da sesta. Hora da sombra. Hora do somno. O' magnifica tranquillidade da vida do campo, ó magnifica tranquillidade das aldeias, ó magnifica tranquillidade!

II

L'amour est assis sur le crâne
De l'Humanité...

.....

Fleurs du Mal -- BAUDELAIRE.



MADONA

I

Ai, não me esqueço não, ó meu amor. Porque esses teus braços longos e lisos e emaranhados, são duas serpentes libidinosas.

O' voluptuosidade! Porque ha um mysterio lubrico e dormente, na neve feminil e apetecida de tantos seios tumidos e mimosos, como cidras encantadas e de uma nudez basaltica e olorosa?

Que mysterio brando e inefavel e caricioso, na luz avida de tantos olhos divinos e imploradores, tímidos e desejosos que não ousam dizer: amor!?

Que mysterio inebriante e enfeitiçado, na curva ritmica de certas ancas, de carne alvissima e perturbadora!

Que mysterio fatidico e pressuroso, na frescura langue de tantas boccas, rubras e humedecidas, com desejos loucos e abandono!

II

Ai, não me esqueço não, ó meu amor. Hon-tem ainda, sobre o meu colo abandonado e entristecido, eu vi a tua madeixa loira.

E julguei tocar a seda fragil dos teus cabellos!...

Era o luar!

O luar, tão flexível e espiritual, como a tua madeixa loira.

III

O' minha delicada Ophelia d'alma radiosa, melodica e aureolada, como os corações purificados. Como um côro suave d'arcinjos. E como as magnolias!

IV

A tua boca rubra e enganadora que não ousa dizer: amor! é de morango e de coral, ó caridade loira, d'olhos glaucos e d'esmeralda — que duas esmeraldas perfidiosas!

E aquella outra d'olhos negros d'ebonite e cutis ambarina de moira, intensa e incendiada, tão louca de desejos?

E a que morreu d'amores? fragil e descorada, como açucêna sequiosa, sempre triste e consumida?

E tu que és franzina e esbelta e altiva e fugidia, como uma corça, de colo alto de narcêja e braços mysteriosos e longos, como algas filamentosas?

V

O' voluptuosidade! A tua labarêda mystificadora, vive das almas, arde nas almas, sobe das almas. O' Francisca de Rimini! O' Heleisa!

VI

Vem, ó meu amor! Quero contar-te: — Estava a olhar p'ra longe, tão longe — nem sei

p'ra onde e com estes olhos incendiarios que tu beijas, iluminadamente vi, esse resplendor da tua frente!

E quando pensei entreabrir meus labios, para clamar o teu nome, senti desfalecer os hombros entristecidos!...

Era a estrella Vesper! A amiga dos pastores!

Porque o fulgor argenteo da estrella Vesper (e de todas as estrelas!) é tão intenso e inflamavel e radioso, como o resplendor da tua frente.

VII

Onde viverão os rubores preciosos e as colorações que tingiram outr'ora as faces de Calphurnea, de Circe e d'Helena?

Nos poentes rubros e delirantes? Nas vermelhidões das luas cheias? No clarão inexaurivel das auroras? Nas madrugadas vermelhas? E esse fogo inflamante e ardoroso que ateiou labaredas inexoraveis no coração legendario da mythica Semiramis, a rainha voluptuosa, Semiramis, aassyrica, a esposa de Onnés, a protegida das pombas e a fascinadora de Nino?

Aonde? E aonde?

No corpo branco do Sol, incadescente e luminoso? Nos meios-dias rubros de Setembro, ardentes e secadores? Na alma esbraseada e consumida dos namorados, doidos de cio ou de paixão? Na frente dos heroes, lucida, impetuosa e iluminada? Nos peitos amorosos? Ou nos pulsos febris?

E aquela tinta preta e surprehendente dos bellos fatidicos da languida Cleopatra?

Dizem que anda toda diluida, nos negrumes agoirentos, das cerrações novembrinas!

VIII

Agora voltei, de subito, a cabeça e a minha boca precipitada deu um beijo — pobre beijo que feneceu, perdido, no ar. Pois se eu bem sentira vir do lado, o fremito melodioso da tua cara, ingenua, fresca e colorida!

Escancarei logo as pupilas e pobres pupilas coitadas!...

Era uma rosa!

Uma rosa branca, imensa, curveada e jovial que um Zephyro ironico e brejeiro, fizera reclinar sobre o meu hombro.

E que o marfino e immaculavel resplendor da tua cara, é tão melodioso, tão jovial e tão fresco, como a brancura incorruptivel das rosas.

IX

O' corpo de Sulamite! O' corpo de Bethsabé! O ritmo esquivo das vossas linhas enlanguecidas e musicaes, foi perdurar-se na gracilidade infantil e desinvolta de tantas gaivotas brancas que riscam as areias, junto ao mar.

Pois não sabem? O que serão os nenuphares? Almas! Almas! Almas feminis e amorosas.

São as almas de Bethsabé, a triste, a sofredora, a victima resignada de David, d'aquelle David forte d'Israel que foi heroe e formoso e pecador.

São as almas da bela e impecavel Hypathia, a tentadora, que quiz morrer em holocausto, nas aras pagãs da Alexandria.

E são as almas da fugitiva Dido, a esposa heroica de Sicheo que se deixou queimar nas chamas alteantes e redemptoras.

E são as almas da branca e iluminada Joana de Domrémy e de tantas martyres romanas beatificas e adoraveis!

X

O' lyrical Madona de madeixas langues e narçadas! O' flebil Madona, cujo perfil longo, fino e angulado eu vejo tornar mais longo, mais divino e angulado, ao erguer do mento, á Cruz, nas orações!

O' Isabel, ó mystica rainha. O' Santa Teresa, de Bellini!

XI

O' idealizadas aparições shakespeareanas. O' «sweet Desdemona», a formosa. Rosalinda, a salvadora. Lady Macbeth, a tenebrosa. O' piedosa Cordelia, a fatidica. Hermionea. Imogen. Sylvia. Perdita. Julia. Virgilia.

E Julieta, Julieta, ó amavel rapariga!

XII

Como se não fosse, fragil Madona, o teu sorrir, tão iluminado e clareante, como o sorrir das auroras.

Hontem cêdo, muito cêdo, vi uma claridade heroica, de uma transparencia triumphal e graciosa. Pois logo senti, dentro de mim, um côro precipitado de mil vozes, a bradar, a bradar! meu amor! ó meu amor!...

E era a Estrela d'Alva!...

E' que o lucido fulgor da Estrela d'Alva, é tão original e attraente, como a luminosidade floreal, do teu sorrir.

XIII

Explendida Mylita — mãe fecunda dos lubricos murmurios, dos mysteriosos abandonos ine-

briantes, dos desejos vermelhos, das tentações irremovíveis, das suavidades dormentes, dos deliquios lascivosos, das perturbações voluptuarias, das languidas morbidez, dos incendios loucos e dos loucos desvairamentos.

Nunca morre, a eurtmia binaria das tuas ancas, ancas sensuaes e procreatoras, outr'ora recobertas de joias reluzentes, de corindons e safiras e rubins e diamantes.

XIV

E Nathercia? A fragil Nathercia d'olhos verdes e madeixas loiras que n'aquelle seu branco leito de frisos d'ouro, se finou d'amores, mirrada e emurchecida, como folha sêca e palida, tão palida, como a cêra funebre dos cirios.

Parece que o merencoreo brilho de tal palor, se foi prender n'algum raio de luar, das claras meias-noites dezembrinas.

E o oiro fulvo dos seus cabelos?

Anda por hi perdido nas noites loiras e serenas, de suavidades translucidas, sem penumbras supersticiosas ou negrumes agoirentos — quando a lua abre o seu leque de raios.

E o verde dos olhos da candida Nathercia?

Vive nas esmeraldas. Pobres esmeraldas, porque o verde das esmeraldas, é menos purificado e enternecido que o lucido fulgor, d'aquelle verde amoroso.

XV

Esse doce afago da tua cutis velutinea, ó meu amor, é tão suavisante e amovavel, como a infantilidade das brisas que fazem reclinar as corolas debruçadas e mimosas; e embalam nas cimeiras dos caules frageis, os ninhos famintos

e estremecidos; e encurvam suavissimamente, a colcha d'ouro nos trigaes; e orlam de renda alva, a planura impecavel dos lagos; e dissipam nuvens tenues como suspiros; azulinas como safiras; efemerias como a esperanza; voluveis como o riso — e macias, ó meu amor, como a brandura infavel desse doce afago, da tua inestimavel cutis velutinea.

XVI

Onde estaes? O' corpos inviolaveis, ó formas feminis de tantas esphiges languidas, onde estaes?

A forte Veturia? A casta Lucrecia? A dissipada Livia? A heroica Cornelia? A devassa Messalina? A impudica Popéa? E Laura? Laura? A ingenua Laura de Petrarca? Onde estaes? Onde estaes?

XVII

Onde estaes, ó voluptuosas multidões aladas de beijos enlangucidos que vos evolaeis da boca rubra dos amantes, como de um nascedoiro? Onde estaes, melodicos instantes estonteadores?

O que serão os beijos?

Os beijos lentos, longos, loucos e dormentes, ó somnambulosas turvações?

Os beijos cariciosos e joviaes? Os beijos amornados e desvanecidos? Os beijos immaculaveis e suavissimos? Os beijos incendiados e ardorosos? Os beijos loucos e sanguinarios? Os beijos frouxos e macios?

Ides ou não ides todos, como um bando imponduravel de pombas ligeiras e diafanas, habitar o seio rutilo das constelações?

XVIII

O' mysteriosa Madona d'olhos profundos e enigmaticos, como lagoas extaticas; e de labios incandecidos e prometedores; e de cabellos avidos e exuberantes, como sylvas emaranhadas; e de coração afogueado e irrequieto, sempre fremente e inextinguivel, num perfidioso tumulto d'aspirações esbraseadas e fulgurações symphonicas de desejos.

O' voluptuosidade! Tu és heroica e colorida, dominadora e caprichosa, como a elegia multippla das ramagens. Tu és intensa, incendiada e clareante, como as colorações rapsodicas que avermelham nos horisontes rubros e desmaiados, as rutilas epidermes poentinas. Tu és revolvente e embaladora e perniciosa e voluvel, como as ondas.

XIX

Vinde mirificos cortejos d'Imperias lascivas e Margaridas formosas e Ophelias veladas e divinas e Beatrices celestiaes e Santas Terezas mysticas e Elisabeths Browning e Magdalenas biblicas e tumultuarias e Leonores beethoveanas e loiras Daphnes — ó Aphrodites blandicias e triumphadoras!

Vinde mirificos cortejos, das fatidicas multidões amorosas, virginicas ou crapulentas, sensualissimas e doentias, Heloisas e Abelards, Annas de Boleyn, Margaridas Gauthier, sorores Marianas, Hermanns e Dorotheas, Romeus e Julietas, Werthers — vinde tambem Aonia, ó saudosa menina e moça, do saudosissimo Bernardim, o melancolico, o taciturno «o que se foi e não n'ó viram mais».

Vinde Othelos sanguinolentos e Tenorios, de Zorrilla...

De pé! De pé! O' aparições icognosciveis de tantas almas esparsas na Natureza convulsa, de vós todos que amastes estrenuamente, e veladamente. De pé! De pé! O' amantes fervorosos e empalidecidos, de corações avidos e incendiarios que habitaes tão supersticiosamente, as seivas, as colorações e os aromas.

XX

Vem ó flebil Madona! O' Fada! O' Deusa! O' Musa! Dize-me tu, esse myterio profundo que eu vejo, acariciador e triunfante, no extranho reverbero das tuas pupilas letargicas, sensiveis e imploradoras, de uma transparencia humedecida e amoravel, sob a linha dos supracilios que se alongam e curveteiam como frisos. Dize-me tu, a magia sonora que vive oculta e diluida, na rapsodia barbara dos teus gritos. Dize-me, toda a verdade, sobre o ritmo das tuas ancas. E o segredo enigmatico da tua boca? Dize-me tu, a perfidia convulsiva e dormente, dos languidos espreguiçamentos e a elegia colorida d'esses teus labios, onde tu pões bailados voluptuosos de beijos. E a sensibilidade electricante na carnação eburnina dos seios? Dize-me tu, o que serão os desejos loucos e lasciviosos que, de supetão, nos acometem, como lobas famintas e imperiosas. Dize me, o que serão os delirios estenuantes e as moles languidêsas?

XXI

Vem, ó flebil Madona, de vestidos ondulantes e nacarados; de pestanas longas e curveadas, como as d'um Anjo de fra Angelico; d'olhos picturiales e esmeraldinos; de madeixas d'oiro

reflexivas, espirituaes e adoradas; de cutis imperceptivel e colorações tranquilas; de palpebras de prata e alheadas, d'uma passividade angelica e adorante; esbelta, musical e harmoniosa, como aquella Diana de Gabies; de seios timidos e amovaveis; de perfil ideal e resplandecente; de labios felizes e voluptuosos e coloridos; e de voz alacre e pueril.

Deixa-me beijar-te, o angulo macio do teu hombro nú. Deixa-me beijar-te, o corpo marfilêno dos teus dedos supersticiosos e estilizados.

Vem, o flebil Madona, ó Fada, ó Deusa, ó Musa! A tua carne espiritual é de veludo! Vem tu, ouvir a evocação fremente que costumam proferir meus labios, ao pé dos myrreos altares constelados da Belêsa, entre os côros saraficos e as fantasmagorias dos incensos, sob a nave das constelações...

XXII

O' flebil Madona! O' Fada! O' Deusa! O' Musa! Tu que tens altares estremecidos, d'uma doçura inefavel e benigna, em cada Gruta Tranquila que o sól clareante e jovial, purifica e ilumina, com a bonhomia da sua luz; tu que guardas dentro de ti, como n'um cofre maravilhoso, a belesa, a voluptuosidade, a fascinação, o deslumbramento; tu que tens uma forma divina, um nimbo divino e uma Essencia divina; tu que revives iluminadamente, na Religião e na Arte, como um bloco de fogo transfigurador e imperecivel; tu que creaste o sorriso, o beijo, a ternura, a magia da pompa e a graça; tu ó Deusa que te divinisaste na Antiga Grecia com a serenidade, na Belêsa surprehendente e impicavel, da Mutilada de Milos; tu que foste em Roma-a-Morta, Venus de Proxitele enlangue-

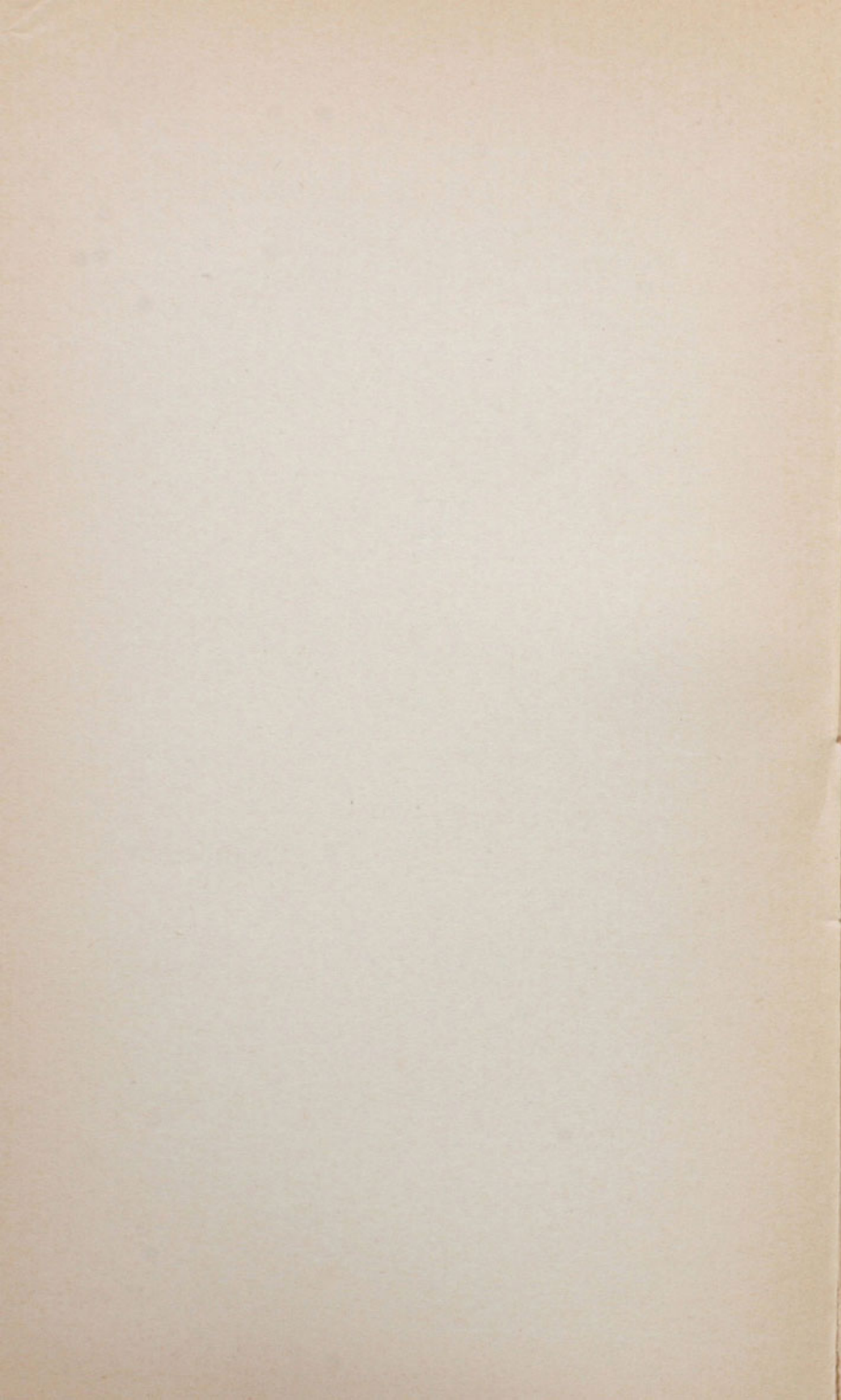
cida e ardorosa ; tu ó immortal Madona, mãe mystica e inspiradora, *Fons-Vitae* da Meia-Idade que guiaste como um anjo incorporeo e irreal a mysteriosa mão enfeitiçada de Leonardo de Vinci ; tu ó Fada, idolatravel, fatidica e perversa que fascinas e electrizas, com a fulguração de Belêsa que sae de ti, como um fluxo d'encantamento ; tu ó Musa, radiosa e perennial que guardas dentro do seio inexgotavel e imorredoiro, a nuance, o carinho, o delirio, a emoção — sê tu o astro resplendoroso e guiador, p'los caminhos lacteos do Ideal ; sê tu a vitalidade propulsionadora, a força remanescente, o alento, a piedade, a abnegação, a alegria ; sê tu a luz divina e dominadora ; sê tu a vida, a vibração, a idea, o movimento ; sê tu a eterna chama fortificadora, acêsa sempre, para sempre.

XXIII

O' flebil Madona ! O' Fada ! O' Deusa ! O' Musa ! A tua ara olorosa e inextinguivel, é imensa e constelada e tenebrosa, como a Noite ; tu trazes á roda de ti como num redemoinho de magia encantadora, seguros com o fio da tua graça, o Ritmo, o Perfume e o Luar ; brotam de ti como de um nascedoiro, as lagrimas e os afagos, os sorrisos e as loucuras, os triunfos e os beijos, os negrumes e os desesperos ; tu posues, como um dom secreto de feitiço — a voluptuosidade — enorme, transfiguradora e enigmatica que acaricia e se baloiça e se enrosca, como uma serpente libidinosa ; tu és a suprêma divinisação da materia e dentro de ti mora o Amor — o Amor, vigilante e incendiario, o gemo frivolo do Fogo, o igual da Eternidade !

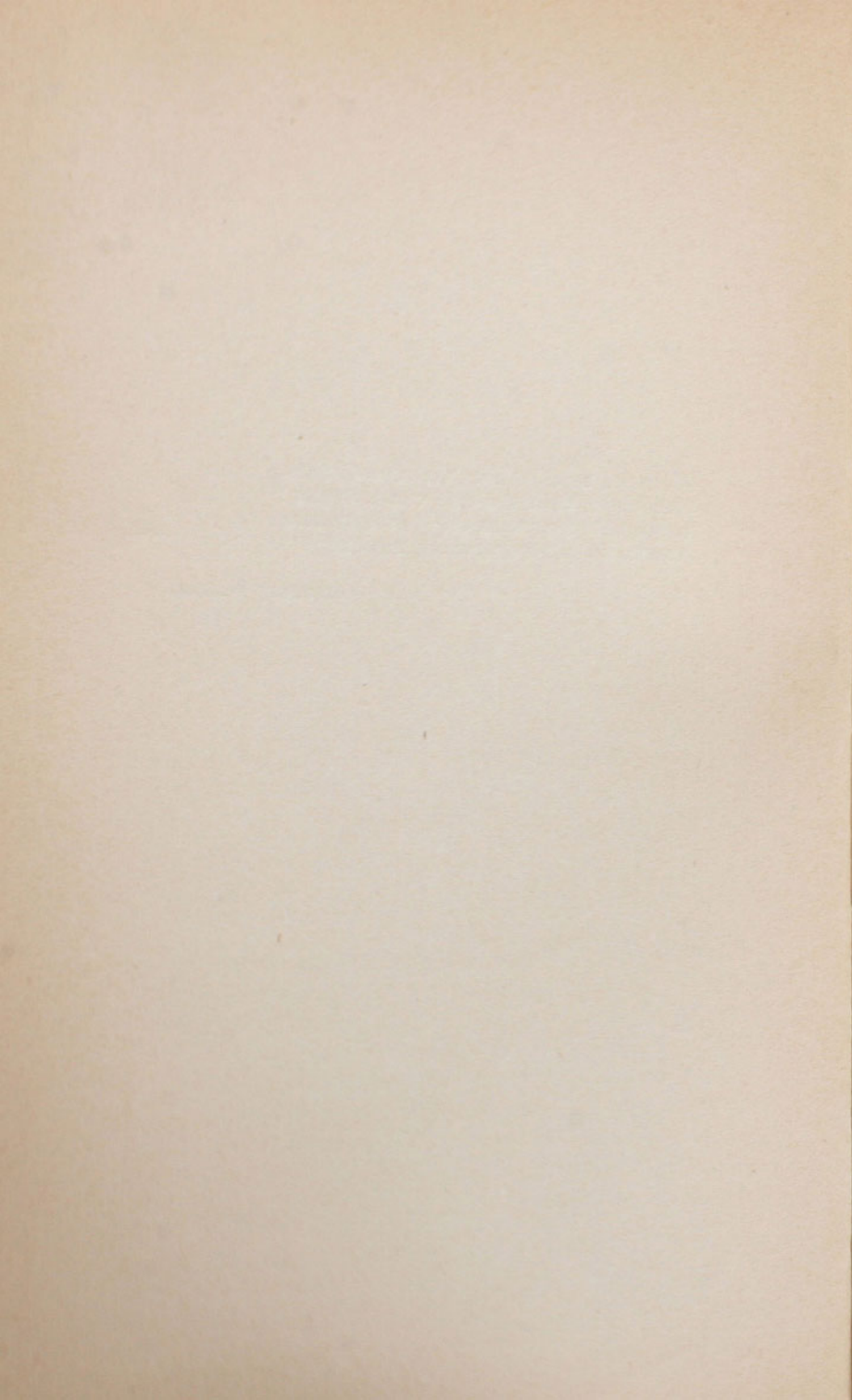


III



Alem, na tapada das Quatorze Cruzes,
Que triste Velhinha que vae a passar!
E que olhos aqueles que parecem luzes ..
Aonde irà ella? Quem irà buscar?

Do SO' — ANTONIO NOBRE.



DANÇA MACABRA

I

Bem oiço o bater de tuas tibias, ó Velha!
Matraquear idiota n'um *pas de quatre* esqua-
lido! Bem oiço o bater de tuas tibias — batu-
que tenebroso que arripia e gela. O que comes
tu, ó Velha? Vidas.

II

Bem oiço o bater de tuas tibias, ó Velha!
Quem não gela, e treme e empalidece, com a
insolencia fatidica do teu riso que é um arregan-
ho idiota e dilacerado?

III

Bem oiço o bater de tuas tibias! Tibias, ca-
veiras, femures, coxaes, ó Velha que tu levas
enfurecidos no tal bailado, bailado feerico e fu-
numbulesco, nos tablados glaciarios dos cemi-
terios.

IV

Bem oiço o bater de tuas tibias! O' Velha, inexoravel, veloz e tenebrosa, ó Bruxa, faminta, esgrouviada, sem ventre, sem olhos, sem seios. Dança o teu sinistro *pas de quatre* esquilido, ao repique mortuario dos sinos.

V

Bem oiço o bater de tuas tibias! O' Velha! O' Bruxa! No riso gelado e mordente da tua maxila descarnada, ha odio, ha sarcasmo, ha ironia — e ha perversidade e volupia, na persistencia imperturbavel dos teus dentes, cerrados, cerrados.

VI

Bem oiço o bater de tuas tibias! O' velha! O' Bruxa! O' Matrona! Matrona que nas meias-noites agoirentas, velas os dectritos incongruentes que foram Vidas, acororada, na letargia das sombras lividas dos cemiterios — pobres cyprestes envilecidos!

VII

Bem oiço o bater de tuas tibias! O' Velha! O' Bruxa! Inviolavel e icognoscivel! Sempre avida e vigilante, aqui ao lado, ou afagas descuidada e folgasã ou comandas ineluctavel e imperiosa — sem nunca ninguem te ver o rosto!

VIII

Bem oiço o bater de tuas tibias! Mãe lobrega, d'unhas aduncas e sanguinolentas e mãos

injustas e assassinas. Bem oiço o bater de tuas tibias!

IX

Mal se desprendem dos sinos as badaladas maguadas do repique já Ella anda por hi, á roda, como uma negra aparição indefinivel, exhibindo na tenebrosidade letargica das meias-noites febris, o seu negro *pas de quatre* esqualido, com o chirriar sinistro das corujas e dos mochos agoirentos.

X

Quem sois afinal, ó aves antipaticas e supersticiosas? Vós, ó corujas, ó corvos, ó mochos?

Na angustia gelada dos vossos gritos aterrorisados, ha magua, ha desgosto, ha aflicção!

Coitadas de vocês; por uma causalidade fatidica fostes perpetuamente violentadas a servir d'araustos odiados e mortuarios, para annunciar a gelida chegada da funebre imperatriz do manto negro.

XI

Vens tu do inferno, ó Morte?!

XII

Bem oiço o bater de tuas tibias! Lugubre megera de mãos infanticidas.

Tu levas para a dança insípida dos cemiterios, conluidos no mesmo abraço gelado, os corpos desmantelados dos ricos e dos mendigos, dos santos e das creanças, das virgens, dos pecadores. Tu falas, ó Velha, e beijas e gritas e afagas e ris — e sem nunca ninguem te ver o rosto!

XIII

Bem oiço o bater de tuas tibias! Tu bailas, bailas e gritas, á volta dos negros leitos funerarios, como uma tzigana voluptuosa. Quem é que quer ir contigo, ó Velha, sem ventre, sem olhos, sem seios!

Onde ha gritos e lucto e pupilas em sangue e corações dilacerados, é porque tu lá vaes, ó Velha!

XIV

Bem oiço o bater de tuas tibias! Tibias, ca-veiras, femures, coxaes. Desregrado e putrido can-can, no descalabro mudo dos cemiterios, entre sombras dubias e fantasmaticas, bem mal vestidas, com os trapos das podridões.

XV

E' oppressiva e extranha a tua dança, ó lugu-bre histriona embriagada! No delirio pavoroso dos teus bailados, bates com a ponta dos calcaneos, na tampa surda dos caixões. E' bem exquisita a tua dança, ó inexoravel Bruxa mysteriosa.

XVI

Tu levas no teu negro abraço uma creança hirta, de mãos frias e boquinha rôxa; e com ella desmaiada nesse negro abraço, tu danças, ó Velha, com delirio injusto, o teu funebre *pas de quatre* esqualido.

XVII

E levas no teu negro abraço o corpo, já frio, de uma virgem, coroadada de rosas murchas e si-

nistramente bailas, bailas, ó Bruxa, nos tablad^{os} supersticiosos das penumbras, até que o corpo já frio da pobre virgem coroada de rosas murchas, cáia inerte no silencio soturno das sepulturas, onde a espera para a sésta eterna, uma enxêrga pôdre e um lençol de terra.

XVIII

E levas no teu negro abraço, o corpo chaguento de um mendigo, maltratado das invernias, das angustias e das fomes e tu ó Bruxa, inexoravel e sarcastica, envolves o corpo chaguento no mesmo negro abraço e com elle cores ao rodopio macabro dos cemiterios, no abrigo irado das sombras irreconciliaveis e nocturnas.

XIX

E levas no teu negro abraço o corpo pôdre de um ministro, grave, severo e veneravel que tu recobres com a ponta da tua plumbea tunica funeraria e agoirenta e deliras, histriona embriagada, no ritmo glaciario d'esse teu sinistro *pas de quatre* esqualido.

XX

E levas no teu negro abraço o corpo magro e desarticulado de um velho saltimbanco, com a cara livida, ainda cheia de riscos hilariantes e os pobres labios rijos e emurchecidos, ainda tintos do vermelhão. E tu ris, ó Bruxa, do corpo do saltimbanco: — Olá, risivel escamoteador! Tu és um velho fazedor de farças, de sortes, de magias e surpêsas — como eu!

Emquanto que o pobre saltimbanco arranca

com as suas magias, aos corações dos velhos e das creanças, a risota, o grito, a berraria e a cantata, tu ó Bruxa, meliante e impenetravel, tu só produzes com as tuas farças e surpêsas, o chôro, a lagrima, a convulsão, o desespero.

XXI

Bem oiço o bater de tuas tibias! ó incomparavel dançarina, d'olhos de vacuo e tenebrosos e subtis e universaes, perfurantes e luminosos como dois lumes e arripiantes como o terror.

XXII

Bem oiço o bater de tuas tibias! O' inexoravel feiticeira de riso gelado e idiota! Tu bailas loucamente pelo mundo, com o teu cortejo sinistro d'esqueletos, de corvos, de corujas e de mochos, num redemoinho irreductivel e vertiginoso, irradiando e multiplicando os negros bouquets do Mal — que são as guerras, as dores, as doenças, as fomes, os terramotos. Tu, perversa dançarina, de dedos aguçados como punhaes, de cintura de vespa e de coxaes elegantes como azas curtas; tu bailas desbragadamente, sobre um tablado fôfo de cadaveres, a quem tu pisas com rizota e voluptuosidade, os pobres ventres e os seios e os dorsos humilhados, aviltados e apodrecidos.

XXIII

Bem oiço o bater de tuas tibias! Se tu tens, ó Velha, uma multidão fremente de namorados que sofregamente te procuram, com os olhos rubros rasos d'agua e os corações ardorosos e

vibrantes, é pela fascinação vislumbradora das tuas orbitas profundas e tenebrosas e pela voluptia oculta do teu dubio seio inviolado e pelo enigma impenetravel de tua belesa.

XXIV

Bem oiço o bater de tuas tibias, ó Velha, gemea da luz e gemea da treva e gemea do tempo! Rasga o teu manto negro, tão negro como a luz das campas e revela a tua nudez temivel e glaciaria.

XXV

Rasga o teu manto negro que é todo tecido de mysterios, de negrumes, de remorsos e de medos; rasga, ó Velha, o enovelamento de trevas, d'horrores e de duvidas e revela a tua nudez temivel e glaciaria.

XXVI

Quando, outr'ora, tu subias hieratica e solemne, ás plataformas mortaes dos catafalsos e com um aperto de mão aos carrascos lhes segredavas inspirações facinorosas — tu devias antes descerrar teu manto e revelar, ás turbas atonitas e convulsionadas, o mysterio secreto da tua essencia, para a imortal glorificação da tua nudez temivel e glaciaria.

XXVII

Não rias tu assim, ó inimitavel dançarina, ás palidas multidões incandeadas, de teus ardorosos namorados, porque eles ou desvairam ou enlou-

quecem e correm, ó Velha, ao teu encontro, anceiosos e lividos e perturbados.

XXVIII

Bem oiço o bater de tuas tibias, ó companheira nocturna dos corvos, das corujas e dos mochos! ó inviolavel histriona dos cemiterios — onde todas as meias-noites, ao clarão ingenuo das estrelas, toca uma orquestra macabra d'esqueletos, de negrumes, de penumbras e de medos.

XXIX

Bem oiço o bater de tuas tibias, tibias resequidas na avidez dos seculos e inquebraveis — que suportam o peso imperturbavel da eternidade e as bacchanaes subtis, em cada meia-noite delirante, no fundo soturno das campas e por detraz dos jazigos. Por isso tu galgas, ó Velha, a vastidão indecifavel dos continentes, as nodosidades das montanhas, o abysmo mudo das lagoas e dos oceanos e foges e deliras e rodopias e appareces, com a elegancia do raio, em cada noite, em cada minuto, em cada instante.

XXX

Agora, tu vaes ao lado de um caixão, ó Velha; os que o acompanham vestem de negro como tu; pois que todos elles te prescutam, te interrogam e te presentem — e vão travando comtigo dialogos anceiosos e terriveis, sem nunca poderem vêr-te o rosto.

Depois, sob a nave fria da egreja, enquanto chovem os latins dos padres, tu vaes ensaiar bailados, defronte dos altares.

XXXI

Agora, tu bailas toda a noite á roda de um leito ; o ritmo da tua dança, implacavel e sinistra, põe a angustia no brilho baço de uns olhos enxutos e estarrecidos e enche d'agonia um coração dilacerado ; tu bates as tuas tibias, louca de todo, e fazes gelar o sangue dos pulsos, das faces e dos peitos, d'aquelle que já tem os olhos baços e enxutos e o coração inutil e dilacerado.

XXXII

Depois, exhibes desmesuradamente, pelos tablados imponderaveis, o ritmo sinistro do teu lugubre *pas de quatre* esqualido ; ou corres ao conchego supersticioso das penumbras turvas dos cemiterios, para revolver caveiras e humeros e coxaes — ou bailar com os esqueletos !

XXXIII

Depois, ó Velha, fazes a tua visita alarde, ao interior funebre dos hospicios, onde tu soltas o teu riso alacre, á fartura da colheita e saes lóbregamente carregada de cadaveres, de corpos roxos e rijos e lividos e pôdres que tu atiras á mudez escura das campas.

XXXIV

Tu appareces, surrateira e implacavel, em cada alcova quieta e perfumada, em cada catre roto e maltrapilhento, em cada lar hilariante, em cada ninho feliz. Tu entras a bailar, ó Velha, irradiando o teu fluxo inexoravel de lagrimas, de terrores, de luctas e de prantos.

XXXV

Tu nunca morres, histriona embriagada e bailas a toda a hora, a tua dança aniquilante e mortuaria que despedaça corações inestimaveis e risos felizes e peitos e pulsos e seios e juramentos eternos e Castelos de Ilusões e Torres de Ideal.

XXXVI

Tu, ó Velha, mãe suprsticiosa de todos os feitiços, pavorosos e indefiniveis, tu trazes á roda de ti, um cortejo idiota de fantasmas, de duendes subtis e aparições radiosas que povoam os recantos penumbrosos dos cemitérios, por entre os cyprestes hieraticos e tristes e que bailam comtigo a rapsodia turva das meias-noites, á luz hirta da lua.

XXXVII

Tu, ó Bruxa, inquietadora e irriquieta e tenebrosa e surprehendente, tu tens uns olhos perfidiosos e injustos que não vêem a estatura envilecida da Dôr, as lagrimas amarissimas e os corações despedaçados. Tu tens, ó Velha, dois ouvidos tumidos e insensiveis que não ouvem a symphonia barbara dos gritos dilacerantes e dos ais e dos gemidos.

XXXVIII

Bem oiço o bater de tuas tibias, ó matrona imortal de riso idiota e de manto negro como um tição! Tu que dás gargalhadas vis e glacia-rias, na cara livida dos moribundos e bailas ao lado dos caixões, nos funeraes e nos tablados

sombrios dos cemiterios e nos negrumes pervertidos das meias-noites — tu, ó imortal matrona, quem te ensinou a bailar ?

XXXIX

Bem oiço o bater de tuas tibias ! O' Bruxa ! O' Velha ! O' Matrona ! Os teus negros beijos, ferem, como brasas vivas e os teus abraços irremoviveis e tenebrosos são enfeitizados, com magias profundas e irreconciliaveis que aniquilam e apodrecem.

O que comes tu, ó Velha ? Vidas.

XL

Bem oiço o bater de tuas tibias, ó funerea dançarina, d'olhos profundos e tenebros e hombros sêcos e aguçados como cutelos. Tu bailas. bailas, ó funerea dançarina e os teus lugubres bailados, são inexoraveis e subtis e pavorosos.

E quando descanças tu, ó Velha ? Nunca.

Começos de setembro, 1917.

TABOA

	Pags.
Scherzo	13
Madona	31
Dança Macabra.....	47

512

652



